



A FORMAÇÃO INTELECTUAL E AS EXIGÊNCIAS DA ESPECIALIZAÇÃO

por uma equipa feminina do 2º. ano de
Românicas da Faculdade de Letras de
Lisboa.

Resumo: A Universidade é o lugar onde se ensina o conhecimento universal, com vista à formação da personalidade intelectual. A concepção de formação intelectual não é, porém, a mesma para todos. Para uns, consiste na aquisição do maior número possível de conhecimentos. Para outros, o essencial é o contacto com o mundo. Para outros ainda, o mais importante é a preparação directa para a vida e para a profissão. Todos esses esquecem que os conhecimentos decorados, a experiência do mundo ou a especialização profunda de pouco valem, se não se possuir uma inteligência plenamente desenvolvida, capaz de sistematizar e dominar todos esses elementos. Cultivar a inteligência, desenvolvendo-a e disciplinando-a como fim em si própria é, portanto, missão autónoma da Universidade, e também a melhor garantia da qualidade da preparação para o trabalho profissional e científico.

Com isto não se afirma a inutilidade da especialização do ensino, necessária na medida em que é impossível aprender todos os ramos do saber. Mas reconhece-se ser necessário que em cada Faculdade se escolham para disciplinas nucleares duma secção aquelas que mais contribuem para a formação da personalidade intelectual. Uma vez esta adquirida, o indivíduo ficará apto a, por si só, suprir com o seu esforço aquilo que lhe é necessário na profissão e que a Faculdade lhe não deu.



A NECESSIDADE DA ESPECIALIZAÇÃO DO ENSINO E A FORMAÇÃO
DA PERSONALIDADE INTELECTUAL

por Maria da Conceição Madureira, da
Faculdade de Farmácia do Porto

Resumo: Procura responder à seguinte dificuldade: será a especialização do ensino compatível com o desenvolvimento e formação da personalidade intelectual, que é o fim primário da Universidade? Critica depois o sentido demasiado restrito atribuído à especialização no mundo moderno, o qual visando o domínio das coisas pelo homem levou ao domínio do homem pelas coisas. Coloca em grande parte a origem do mal nas classes directivas, notando embora que estas são de certo modo um reflexo de influências e orientações sofridas, o que leva a examinar a responsabilidade da Universidade, que pelo seu exacerbado "especialismo" conduz o universitário a uma indiferença ou alheamento de tudo que não seja a sua especialidade. À Universidade cabe a missão de descobrir, modelar e desenvolver personalidades ricas e abertas a todos os horizontes do espírito. Por isso, o ensino especializado tem de ser completado por um trabalho de síntese, o que exige o concurso da Filosofia e, porque Deus é uma necessidade profunda sem a qual não temos trajectória a seguir, da própria Teologia. Na obra de reconstrução que urge iniciar, antes de mais terá de se fazer justiça dando a Deus e ao homem o seu lugar devido.

MEIOS PRÁTICOS DE REALIZAR A SÍNTESE CULTURAL NA UNIVERSIDADE

pelo Dr. Ramiro Libano Monteiro, licenciado pela Faculdade de Ciências de Lisboa.

Resumo: A Universidade Portuguesa tem um problema central a resolver: o do equilíbrio entre a cultura científica ou técnica

especializada e uma cultura total que dê ao intelectual aquela ideia do mundo e da vida que lhe é indispensável. Não se trata de um problema meramente teórico, mas de uma questão angustiosa, dramática, sobretudo para os melhores espíritos que frequentam a Universidade.

Como meios de atingir esse equilíbrio, apontam-se:

- 1º. - Sem prejuízo da especialização, antes contribuindo para o seu aprofundamento, reduzir a chamada cultura geral científica, suprimindo certas cadeiras não especializadas e cujo papel no respectivo plano de estudos é discutível, em favor da criação de autênticas cadeiras de cultura.
- 2º. - Desdobrar certas licenciaturas, como a de ciências físico-químicas, em secções mais restritas.
- 3º. - Fomentar o intercâmbio entre os alunos das diferentes Faculdades.
- 4º. - Promover conferências de carácter cultural, a realizar por professores e estudantes de preferência em Faculdades diferentes daquelas a que pertencem.
- 5º. - Criar uma Universidade Católica, com Faculdades de Sociologia, Filosofia e Teologia.

ALGUNS ASPECTOS DA INTRODUÇÃO DE CADEIRAS DE
CULTURA GERAL NOS ESTUDOS SUPERIORES

por Manuel Franco de Queiroz, do Insti-
tuto Superior de Agronomia de Lisboa.

Resumo: A cultura universitária deve ser o elo entre os estudos superiores, a vida intelectual, a vida moral e a vida social. A cultura está relacionada com a posição do Homem perante os seus principais deveres.

São as Ciências Histórico-Filosóficas, ou seja as que estudam a Humanidade, aquelas onde a cultura universitária tem de ir buscar a sua base.

As 3. cadeiras de cultura universitária devem ser as seguintes:





- a) História da Humanidade
- b) Filosofia e Religião
- c) História, utilidade e organização da profissão para que o curso prepara.

As outras missões da Universidade são o ensino das profissões e a investigação científica.

Necessidade de libertar os alunos do actual excesso de aulas e trabalhos, que seria ainda agravado com a criação das cadeiras de cultura geral.

Lembramos 2 soluções: desdobramento dos cursos e aulas de convivência. Apresentamos 2 dificuldades à 1ª. solução que por isso é rejeitada.

A 2ª. solução consiste na reforma do regime de aulas e para a defender demonstramos as vantagens das aulas de convivência sobre as aulas teóricas, cujo desaparecimento permitiria tempo vago para as cadeiras de cultura e para os dois tipos de aulas de convivência.

Fundação Cuidar o Futuro

A PREPARAÇÃO E O ESTADO CULTURAL DO UNIVERSITÁRIO

por Maria Adelaide Cruz Carrilho Calado, da Faculdade de Letras de Coimbra.

Resumo: Baseada em experiências pessoais e observações feitas sobre as camadas mais novas, em confronto com opiniões de estudantes doutras Faculdades, procura salientar, em primeiro lugar, a preparação prè-universitária. E diz: que não vimos bem preparados do liceu, que nos sentimos desorientados perante o novo sistema de trabalho que nos deve ser exigido; que tomamos consciência da nossa missão só nos últimos anos do curso.

Perante tais deficiências a conclusão a que chega é que se deve atribuir ao professor liceal a missão de ir dando ao aluno a noção exacta do que é a Universidade, despertando nele o espírito de autonomia. Cabe também ao corpo docente da Universidade continuar essa obra, intensificando a sua acção formativa no espírito de aluno.



Quanto à estrutura actual da Universidade, acha que ela não permite o estudo consciencioso das cadeiras, componentes da secção frequentada, e não favorece a aquisição de cultura geral, pelo regime absorvente que a orienta. O desequilíbrio cultural e a falta de conhecimentos do universitário são realidades palpáveis contra as quais precisamos de reagir. Depende do esforço pessoal o restabelecer esse equilíbrio, mas depende também da orientação que a Universidade venha a dar aos seus cursos.

A conclusão de que nos primeiros anos, certas cadeiras são de utilidade quase nula, faz pensar na sua supressão. A eliminação dessas cadeiras, contudo, seria compensada pela transposição de certas cadeiras que se encontram nos últimos anos do curso.

CULTURA E PROFISSÃO

por Maria da Conceição Tavares da Sil-
va, da Faculdade de Direito de Coimbra.

Fundação Cuidar o Futuro

Resumo: A Vida, e sobretudo a Profissão, exige ao jovem licenciado uma visão do mundo que transcenda o ontológico, um eterno interrogador que é no fundo toda a atitude do homem culto.

Tem o estudante o direito de exigir à Universidade essa cultura? Parece que esta tem o dever de criar cadeiras de educação ou culturais, (Filosofia, História, Línguas) que ocupariam o lugar deixado vago pelas cadeiras inúteis que sobrecarregam e não formam para a Profissão nem enriquecem o espírito.

Por outro lado cada um de nós tem de colaborar intensamente com a Escola para a sua própria educação ou cultura, procurando todos os meios ao seu alcance para o fazer, nomeadamente a criação de equipas de estudo, a leitura de obras de valor e a aquisição duma disciplina que se traduza num programa diário, traçado cada manhã e controlado no fim de cada dia.



UNIVERSIDADE - ESCOLA DE PROFISSIONAIS

por Efigénia Vilaça Delgado, da Faculdade de Medicina de Coimbra.

Resumo: Partindo do princípio que a Universidade deve formar, ao mesmo tempo, homens cultos e bons profissionais, procura a solução que ponha de acordo a necessária formação cultural dos universitários com as exigências de uma boa especialização. Encontra numa correcção de métodos de ensino de muitas cadeiras, onde se poderiam suprimir excessos de teoria, e numa tomada de consciência individual dos próprios estudantes. Termina, afirmando ser necessário:

- 1º. - Que a Universidade dê ao estudante um nível cultural bom, para que mais tarde seja um homem que tenha uma visão clara e larga dos problemas humanos.
- 2º. - Que o ensino universitário seja mais prático do que teórico.
- 3º. - Que se forme o espírito de profissão pelo estudo minucioso dos assuntos que interessam mais directamente à solução dos problemas da prática profissional.
- 4º. - Que a Universidade não abandone os licenciados mas continue em contacto com eles, por meio de cursos de férias, reuniões científicas e principalmente pelo envio das publicações relativas à profissão, que forem aparecendo, como se faz na Sorbonne.

O ENSINO PRÁTICO NA PREPARAÇÃO PROFISSIONAL

por Sara Cristina Simões Porto e Estela Ferreira Franco, do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

Resumo: É fundamental, para a Universidade, a preparação de bons profissionais. Para esta preparação, torna-se indispensável um ensino prático cuidado e inteligentemente orientado. Reputam-se de muito interesse os dois pontos seguintes: escolha criteriosa

dos trabalhos e execução efectiva destes por parte dos alunos. Consideramos que o primeiro ponto depende essencialmente da maneira como o professor catedrático acompanha e orienta os trabalhos práticos da sua cadeira.

Quanto ao segundo ponto, ele está intimamente relacionado com as instalações de que a escola disponha e com o número de alunos de cada turma, que nunca deve ir além daquele que permite ao assistente acompanhar cuidadosamente os trabalhos de todos.

Procura-se averiguar com estas condições se realizam nas Universidades portuguesas, através de um dos inquéritos lançados como preparação para este Congresso. Apontam-se, em seguida, as mais frisantes deficiências verificadas.

Em face do estado de coisas apontado, e para o aperfeiçoamento do ensino prático nas escolas superiores, apresentam-se as conclusões que se seguem:

- 1ª. - Necessidade da existência nos laboratórios de material moderno, bem adequado, e em quantidade suficiente para a regular execução dos trabalhos por parte dos alunos.
- 2ª. - Adaptação do ensino superior as necessidades da prática, para o que poderia contribuir o estabelecimento de um
- 3ª. - Intercâmbio entre a Universidade e os profissionais distintos, através de um contacto assíduo, para permuta de conhecimentos.

A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NA VIDA UNIVERSITÁRIA

por Manuel Neves e Castro, da Faculdade de Medicina de Lisboa.

Resumo: Depois de analisar o valor da investigação em relação à Ciência e de identificar esta perante a Verdade, define a responsabilidade do cientista afirmando que a Ciência actual lhe dá uma herança do passado para que a engrandeça para o futuro. Discute em seguida se a investigação científica será um fim da Universidade, conclui que a Universidade não tem por finalidade imediata a pesquisa da Verdade e reconhece que esta constitui um condicionante indis-



pensável ao perfeito cumprimento da missão que é devida à Universidade. Define a responsabilidade social da Universidade através da investigação científica, e a do Estado perante a Nação através da Universidade. Estuda qual a situação da investigação dentro da Universidade, quanto ao professor e quanto ao aluno, começando por definir as responsabilidades do primeiro como homem, intelectual, cientista e professor propriamente dito. Analisa a vantagem de pôr o aluno perante a investigação, o que faz em relação ao estudante e ao futuro homem de ciência, e salienta o grande mérito daquela como método pedagógico e processo de acordar vocações científicas. Conclui referindo, em teoria e na prática, qual a missão da Universidade em face do problema da investigação científica. Termina concluindo:

- 1ª. - Que a investigação científica na vida universitária constitui, antes de mais, um método de inigualável valor pedagógico.
- 2ª. - Que a Universidade deve, por todos os meios, procurar despertar vocações científicas em ordem ao engrandecimento do escol de investigadores do País e ao desenvolvimento da Ciência.
- 3ª. - Que o Estado, de que depende em Portugal exclusivamente o ensino superior, como legítimo representante da Nação a sirva dando à Universidade todos os meios para plenamente se realizar na sua missão.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DAS POSSIBILIDADES DE
INVESTIGAÇÃO NA UNIVERSIDADE PORTUGUESA

por José Keating, da Faculdade de
Medicina de Coimbra.

- Resumo:
- I - Esboço do quadro psicológico da Universidade: a apatia e o cepticismo são dominantes.
 - II - Considerações acerca das características do espírito investigador.
 - III - Os únicos possíveis investigadores pertencem ao quadro docente.



Esta situação é incompatível com um perfeito desenvolvimento do espírito de investigação, porque a formação dos assistentes reflete os defeitos do meio:

- a) - falta de educação da imaginação;
- b) - falta de espírito de iniciativa;
- c) - falta de preocupação pelos problemas básicos do homem e do mundo.

IV - Princípios que devem presidir à resolução do problema:

- 1 - Desenvolver o já existente espírito de investigação.
 - 2 - Alargar os quadros de investigadores.
 - 3 - Fazer penetrar na Universidade as características do espírito investigador.
 - 4 - Não desequilibrar a Universidade por um exagerado desenvolvimento da investigação.
 - 5 - Fomentar a investigação extra-universitária, quando necessária.
- Nota - Estas considerações referem-se à Universidade de Coimbra e à respectiva Faculdade de Medicina em particular.

Fundação Cuidar o Futuro

O PROBLEMA DAS LICENCIATURAS

por Aurora de Oliveira Fonseca, da Faculdade de Direito de Lisboa.



Resumo: Começa por apresentar o problema: "será necessário e conveniente que no fim dos cursos universitários se prestem determinadas provas, as quais no seu conjunto permitam abarcar todos os conhecimentos adquiridos?" e passa a descrever a situação presente de algumas Faculdades.

Em seguida, entra na discussão do problema, apresentando e criticando os variados tipos de exames de licenciatura, tal como se apresentam.

Termina preconizando o regime de exame de licenciatura, no último ano do curso, exame que deve preencher as seguintes características:

- 1ª. - Ser um esforço de síntese dos conhecimentos adquiridos, um abarcar numa visão de conjunto das linhas mestras do curso.
- 2ª. - Ser uma afirmação do trabalho pessoal, uma libertação e uma superação do estudo rotineiro do servilismo ao pensamento do mestre.
- 3ª. - Ser testemunha dum espírito intelectualmente bem treinado e cientificamente orientado, para o que se pressupõe uma estruturação diferente do regime de estudos universitários e a existência de verdadeiro espírito comunitário entre professores e alunos.
- 4ª. - Finalmente ser, não um último exame mais difícil que todos os outros, mas um selo de garantia de preparação científica, profissional e deontológica.



TENTATIVA DE CRÍTICA DO PLANO DE ESTUDOS DA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS FÍSICO-QUÍMICAS

por Elina Doutel de Paula Morais Neves,
da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Fundação Cuidar o Futuro

Resumo: Panorama actual da licenciatura em Ciências Físico-Químicas, com a característica eclética do século XIX; alusão às dificuldades resultantes da escassez do material de laboratório; o problema do estágio como introdução à investigação científica.

Falta de ideia-base em que assentem os conhecimentos dispersos adquiridos. Comparação do caso português com o de outros países territorialmente pequenos.

Conclui ser necessário:

- 1ª. - Que se faça uma remodelação total do curso, não propondo soluções concretas.
- 2ª. - Que se crie uma cadeira de Filosofia-Lógica nos cursos de Ciências.
- 3ª. - Que se criem separadamente cursos de Física e de Química.

A CULTURA E A MULHER: SUA INFLUÊNCIA RECÍPROCA

por Maria Clotilde Teixeira Rocha, da
Faculdade de Letras de Coimbra.

Resumo: Cultura é saber, mas é sobretudo desenvolvimento do espírito pela reflexão. Por isso, mulher culta é aquela que conseguiu ser mais completamente mulher, que soube hierarquizar e integrar na sua personalidade feminina todo o complexo variado e rico que deparou, que enfim pela inteligência se proporcionou o máximo e melhor enriquecimento espiritual e humano.

A vida da mulher desenvolve-se no campo da fé e da esperança, do amor e da abnegação. Daí que seja menos criar sem aparecer, menos informar sem se afirmar, numa dádiva anónima e apagada que se apanha o que há de especificamente feminino na cultura. Só por excepção a presença da mulher na cultura se traduz por realizações de vulto, como as de Madama Curie ou Púbia Hortênsia de Castro.

Mas a mulher tem quase sempre uma sentimentalidade excessiva, é muito impressionável, cede facilmente à paixão. A educação intelectual e a cultura, libertando-a do domínio da sensação e levando-a a agir mais pensadamente, dá-lhe ao mesmo tempo mais calma, mais rigor e confiança e permite-lhe levar junto de todos a sua experiência rica e actual.

A ACCÃO DA MULHER UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE INTELECTUAL FEMININA

por Celinda Rosa Esteves Lourenço, da
Faculdade de Medicina de Lisboa.

Resumo: Devido às características especiais da vocação universitária feminina, a rapariga deve vincar a sua personalidade e não tentar identificar-se na sua maneira de ser com os colegas.



A Universidade deve oferecer-lhe, por sua vez, um programa de estudos femininos, isto é, um programa adaptado às raparigas, à sua psicologia e às profissões a que se destinam.

Para acudir a estes problemas, devem criar-se Associações Femininas, que tratem e resolvam os problemas de interesse das universitárias.

Fundação Cuidar o Futuro

